
INTUIÇÃO E INTELIGÊNCIA: CRÍTICA BERGSONIANA À LINGUAGEM METAFÍSICA TRADICIONAL

Adeilson Lobato Vilhena

Resumo:

Intuição e inteligência são dois conceitos essenciais que, de alguma forma, norteiam a obra de Henri Bergson. A intuição consiste num método preciso à filosofia, uma vez que abre acesso à realidade em sua essência. A inteligência, por sua natureza, se contenta em contornar um objeto, sem perceber como ele realmente é. Disso resulta a crítica do pensador francês à metafísica tradicional por não abordar as verdadeiras questões que tangem a realidade, fundando, assim, um conhecimento superficial acerca da natureza da intuição e da inteligência no processo do conhecimento. Com a intuição, Bergson, busca conduzir a ciência e a filosofia para o que há de mais vivo e real, isto é, a realidade tal como ela é.

Palavras-chave: Bergson, Linguagem, Inteligência, Metafísica, Intuição

Abstract:

Intuition and intelligence are two concepts essentials that, in some way, guide the work of Henri Bergson. The intuition is a precise method to philosophy, since it opens access to reality in its essence. The intelligence, by its nature, is content to get around an object without realizing how it really is. From this results the criticism of French thinker to the traditional metaphysics for not deal with the real issues that concern the reality, founding, thus, a superficial knowledge about the nature of intuition and intelligence in the knowledge process. With the intuition, Bergson seeks lead the science and the philosophy to what is most alive and real, that is the reality as it is.

Keywords: Bergson, Language, Intelligence, Metaphysics, Intuition

1.

Bergson pode, à primeira vista, parecer um autor um tanto audacioso, já que se propõe em criticar a autoridade da tradição metafísica cuja influência tornou-se base para o pensamento moderno. Bergson reconhece, contudo, o mérito da tradição filosófica: sua crítica não é uma negação dessa tradição, mas, sim, uma forma de estabelecer uma coerência necessária às imprecisões científicas e filosóficas ainda hegemônicas em sua época.

Logo no início de seu trabalho *Le Pensé et le Movement*, Bergson, deixa claro que a filosofia, em seu conjunto, carece de um ideal de precisão. Isso talvez venha justificar sua crítica realizada aos sistemas filosóficos. Assim nos diz: “O que mais faltou à filosofia foi a precisão” (BERGSON: 2006, p.3). Trata-se de uma precisão necessária para abordar os verdadeiros problemas filosóficos. As imprecisões que permeiam a filosofia, segundo o autor francês, estão estritamente ligadas à linguagem metodológica empregada para a adesão e difusão do conhecimento.

Bergson observa que existem duas formas de se conhecer a realidade; uma é pela inteligência e outra pela intuição. Uma permite, apenas, um conhecimento superficial e, a outra, um conhecimento mais profundo, absoluto. “A primeira implica que se dêem voltas ao redor dessa coisa; a segunda, que se entre nela” (Idem, op.cit., p.184). Essa distinção torna-se necessária a fim de se compreender as implicações metodológicas utilizadas na época de Bergson pelas ciências ou mesmo pela filosofia.

É em diálogo com seu contexto cultural (que perpassa o século XIX até à primeira década do século XX)¹, que Bergson, põe em questão, o ideal de objetividade oriundo do positivismo e do determinismo científico predominantes e que se expandiam à toda área do saber, inclusive às ciências humanas. O problema visto por Bergson concentra-se, precisamente, na posse do procedimento analítico pelas ciências predominantes.

¹ Cabe dizer que o cenário que se apresentava ao contexto intelectual de Bergson era motivado pelo ideal objetivista de se fazer ciência, como nos diz Martins (1946, p. 10): “Diante da palavra ciência, curvavam irreverentes os espíritos mais fortes”. Bergson, inserido naquele contexto, não fica alheio ao seu tempo, como tantos outros. Antes, se mantém em diálogo. Mas na medida em que a liberdade no sentido ontológico, tal como a compreensão do tempo (tempo real) vivido no domínio da consciência, são teoricamente invalidados pelo determinismo científico, ele põe em questão os procedimentos analíticos ali estabelecidos.

Conforme o filósofo, aquele procedimento, por si só, representa, um método falho e inconsistente, de modo que não permite um conhecimento real do que se analisa. Não passa de um saber fragmentado. Escreve ele: “Analisar consiste, portanto, em exprimir uma coisa em função daquilo que não é ela” (Idem, op.cit., p.187). De outro modo, digamos ainda, que a análise se assemelha a uma tradução imperfeita, deixando muito aquém de sua originalidade, o resultado dali obtido. Portanto, não compete a esse método transmitir o real no que ele tem de próprio, uma vez que ele tão somente manipula e fragmenta um objeto.

Pretender aplicar o método de teor físico-matemático ao terreno do humano, das vivências espirituais, é eliminar o que é vivo e real². Bergson foi enfático ao denunciar as pretensões das psicologias que eram envolvidas pelo ideal de objetivação, uma vez que, ao procederem pelo método analítico, apresentavam resultados puramente matemáticos.

No *Essai sur les Données Immédiates de la Conscience*, o filósofo aponta os problemas das psicologias de orientação associacionista e experimental. Essas erram em tentar quantificar os dados da consciência em vez de vivê-los. Assim, nos diz: “É que, quanto mais se desce nas profundezas da consciência, menos se tem o direito de tratar os fatos psicológicos como coisas que se justapõem” (BERGSON, 1988, p.15-16). Em tais ciências, os dados da consciência, sentimentos e sensações, são tomados como grandezas extensivas. Isso, segundo Bergson, não passa de um enorme equívoco. Ora, reduzir a consciência à condição de simples objeto de análise da psicofísica, implica, erroneamente, em tomar os dados internos ou espirituais como passíveis de aumento e diminuição. Noutros termos, essa operação nada mais consiste do que uma forma prosaica de espacialização da consciência. Em sua opinião, os estados da consciência devem ser vividos e não mensurados.

² É, sobretudo, ao projeto de naturalização da consciência em voga que buscava tratar os estados de consciência, pelo mesmo viés metodológico das ciências empíricas, isto é, como coisas justapostas, que nosso autor se posiciona. Para Bergson, uma vez que se busca mensurar aquilo que é espiritual, quer dizer, que é vivência pura, se elimina a multiplicidade dos estados que se manifestam à consciência, tal como o próprio eu, a personalidade, a duração.

2.

A questão é que toda essa problemática gira em torno da inadequação metodológica para ser afirmar a verdade, uma vez que, pelo método da análise matemática, o resultado se mostra superficial ao limitar, apenas, em contornar uma realidade, sem, no entanto, dizer como ela realmente é. O que se percebe é que há na esfera do saber filosófico, um problema de inconsistência metodológica tendo, no pensamento moderno, o seu paradigma por excelência. É assim, pois, que estudando a história da filosofia, Bergson identifica o uso inadequado de tal método. A metafísica tradicional, teria se equivocado ao se utilizar da linguagem oriunda da inteligência, já que a tendência natural da inteligência é a de agir sobre aquilo que é prático e estável, ou seja, aquilo, que é essencial na realidade evadiu-se, profundamente, à visão intelectual. “Mas, preocupada antes de tudo com as necessidades da ação, a inteligência, como os sentidos, limita-se a tomar de longe em longe vistas instantâneas e, por isso mesmo, imóveis do devir da matéria” (BERGSON, 2005, p. 296).

Bergson caracteriza, na metafísica clássica, o princípio de que a inteligência é puramente uma faculdade voltada para a matéria. Ora, qual o papel da inteligência senão realmente esse? Sua ação está voltada para operar o estático e contornar a matéria. Rossetti situa esse diagnóstico bergsoniano da seguinte maneira:

A inteligência não foi feita para pensar o todo e sua essência, e quando se põe a construir uma metafísica, inúmeros são os equívocos que daí decorrem [...]. Portanto, a inteligência, como conhecimento localizado e parcial, surgida com a matéria e referindo-se sempre ao espaço, não pode conhecer a totalidade do movimento maior que a criou, porque não compreende o todo em sua continuidade de mudanças, em sua mobilidade real e a interpenetração recíproca de seus elementos. (ROSSETTI, 2004, p. 33).

Para Bergson, o fundamento da realidade é a mobilidade constante, de modo que a inteligência, no intuito de apreendê-la imobiliza e fraciona-a. O fato do pensamento metafísico tradicional proceder por um método intelectual estará cavando um abismo entre suas certezas e a realidade em sua essência. Disso resulta o mal entendido da metafísica, pois em vez de adentrar no real, ela se compraz em tão somente enunciar uma representação intelectual dele.

A história da metafísica, na perspectiva de Bergson, é a história dos equívocos. Em sua base enraízam-se as contradições advindas, desde seu próprio nascimento. Zenão teria sido o primeiro metafísico que, uma vez utilizando a visão intelectual, ignora a

mobilidade mesma que comporta a realidade, estabelecendo, portanto, o imutável como fundamento último. “A metafísica data no dia em que Zenão de Eléia assinalou as contradições inerentes ao movimento e à mudança tal como a inteligência se os representa” (BERGSON, 2006, p.10).

Em outras palavras, a metafísica tradicional tentara traçar descrições incontestáveis sobre a realidade, o que na visão bergsoniana, nada mais fez do que se distanciar da pura verdade, isto é, ela tem configurado a essência do real aos dados da estaticidade aparente, deixando assim, escapar a essência dinâmica que compõe toda realidade. Nota Bergson (2005, p. 342): “[...] a filosofia antiga procede como o faz a inteligência. Instala-se, portanto, no imutável, brinda-se com apenas ideias”. No parecer de Bergson, a metafísica em questão, em vez de adentrar no real, passa apenas a dar representação intelectual dele. Ainda acrescenta:

Foi assim que a metafísica foi levada a procurar a realidade das coisas acima do tempo, para além daquilo que se move e que muda, fora, por conseguinte, daquilo que nossos sentidos e nossa consciência percebem. Desde então, a metafísica já não podia ser mais que um arranjo de conceitos mais ou menos artificial, uma construção hipotética. (BERGSON, 2006, p. 10).

É notório que Bergson, ao falar do problema da metafísica tradicional, endereça suas críticas, sobretudo, à filosofia platônica. Fora, aliás, Platão que estando de acordo com a metafísica inaugurada por Zenão, também ignora o fluir que compõe a realidade vendo nessa nada mais que uma quimera. O imutável se torna o fundamento último do existir. Os equívocos cometidos por Platão, segundo a ótica bergsoniana, encontram-se amparados por um recurso (inteligência) que é insuficiente para perceber o real. Sendo de sua natureza perceber o que é estático e, agir sobre esse, a inteligência jamais acompanha o movimento, o substrato da realidade. Sua visão será, portanto, cinematográfica. O intelecto congela puramente o movimento e dele retém só o que lhe aparece, isto é, o imutável. Nisso parece que Platão recai no que tanto se opôs: na própria aparência, pois a imobilidade é o que nos aparece, entretanto, não é o real. Platão toma as ideias eternas como princípio do que é movente. Fica, então, a questão: pode o imóvel conferir movimento ao móvel? Disso se percebe as contradições instaladas no seio daquela filosofia.

Fica patente, que na opinião de Bergson, o que permeia a tradição metafísica perpassada por Platão, é o que ele chama de “ilusão teórica”. Ilusão, pelo fato de terem aceitado, o estático em vez do móvel, a aparência em vez da essência. “Consiste em

creditar que se pode pensar no instável por intermédio do estável, o movente por meio do imóvel” (BERGSON, 2005, p. 296). Bergson atenta para o fato de que é uma incongruência da metafísica se propor em resolver os grandes problemas filosóficos por meio da análise intelectual. A limitação encontrada nesse método é a de não conseguir se desvencilhar, precisamente, dos hábitos intelectuais que fazem crer que o devir é ilusório.

Bergson em muito se admira que a metafísica tenha fechado os olhos para o tempo real, ou seja, para a duração como natureza do tempo que comporta todas as coisas. Observa que o problema dos equívocos que permeiam os sistemas filosóficos é, na verdade, um problema de linguagem. Vejamos o que diz sobre isso:

Examinando as doutrinas, pareceu-nos que a linguagem havia desempenhado aqui um papel importante. A duração exprime-se sempre em extensão. Os termos que designam o tempo são tomados de empréstimo à língua do espaço. Quando evocamos o tempo é o espaço que responde ao nosso chamado (BERGSON, 2006, p. 7).

No espaço encontra-se a matéria justaposta. A inteligência é a que mais se sente a vontade sobre ela. Assim, portanto, a linguagem nesse domínio, é inteiramente intelectual. Ela analisa, contorna, mas não conhece a natureza. O problema é quando se busca apreender o real, (tempo vivo e móvel) pela linguagem do espaço, acaba-se, assim, corrompendo sua pureza.

Fazendo referência à inconsistência platônica, Bergson na *L'Évolution Créatrice* nos diz: “Mas, assim que colocamos as Ideias imutáveis no fundo da realidade movente, toda uma física, toda uma cosmologia, até mesmo toda uma teologia seguem-se necessariamente” (BERGSON, 2005, p. 341). Com isso, alega o filósofo, nos tornamos herdeiros da metafísica platônica na medida em que encobrimos a mobilidade e tomamos o real a partir das ideias imutáveis. Fato é que, desde Platão, a filosofia, deixou-se por seduzir-se de ilusões; ilusões tais que cada vez mais se alastram em todas as áreas do conhecimento como que uma reação em cadeia. O todo foi tomado pelas partes, o móvel ignorado, o fundamento tornou-se a imobilidade.

3.

Em contrapartida, Bergson, então, desenvolve um método que possibilite o contato com o real de modo que se opõe à linguagem intelectual. Tal procedimento é definido por ele nos termos de uma intuição filosófica. A respeito da intuição bergsoniana,

Deleuze se pronuncia: “A intuição é o método do bergsonismo. A intuição não é um sentimento, nem uma inspiração, uma simpatia confusa, mas um método elaborado, e mesmo um dos mais elaborados métodos da filosofia” (DELEUZE, 1999, p. 7).

A proposta do método bergsoniano, o qual ele recomenda aos filósofos, se contrapõem ao método analítico da visão intelectual. Diferente de uma visão parcial, a intuição possibilita o contato com a realidade tal como ela é em si, haja vista que intuir é conhecer, ou seja, é afirmar como as coisas realmente são, não se tratando, enfim, de rondar, tão simplesmente, a realidade, mas, sim, de adentrar nela e perceber como realmente é em sua mobilidade constante. Nessa perspectiva, Bergson confere à intuição um estatuto ontológico privilegiado: ela possibilita o acesso ao real. Trata-se, no fundo, de nos inserir no próprio fluxo da vida, na fluidez real do tempo como duração. Frisa Bergson: “Desse modo, nós nos reinstalaríamos no fluxo da vida interior, do qual a filosofia com muita frequência não nos parecia reter mais que o congelamento superficial” (BERGSON, 2006, p. 22).

Tamanha é a necessidade de Bergson apresentar um novo método para a filosofia, visto que a tradição filosófica, ao postular os hábitos da inteligência, negligenciava o que realmente compõe a realidade abstraindo, dessa maneira, somente o superficial. Ora, Bergson irá propor o interesse metódico de abarcar a totalidade de uma forma clara, pois segundo ele “[...] a precisão não podia ser obtida, por nenhum outro método” (Idem, op. cit., p. 25). Assim ele a caracteriza como: “[...] o ato pelo qual nosso espírito conhece perfeitamente a verdade [...]” (Idem, op. cit., p. 130).

Dizemos, portanto, que no método intuitivo, tal qual proposto por Bergson, somos convidados a conhecer o absoluto, a ter uma visão ampla da realidade. Isso não exclui a realidade externa, como a vida em seus aspectos imanentes e tudo que a nós se apresenta por meio da mudança constante. Ademais, e, de modo bem pertinente, podemos conhecer nosso próprio eu³, nosso estado de alma, nosso espírito. Nisso torna-se claro sobre o quanto a intuição é um conhecimento do espírito pelo próprio espírito, isto é, conhecemos

³ Implica em dizer que pela intuição se alcança também os dados da consciência, ou seja, se tem a percepção do estado de alma, dito por Bergson, como “eu profundo”. Uma vez que se tem esse contado interior, se percebe que nossa personalidade carrega consigo uma história vivenciada no tempo, o qual é atualizado constantemente. Assim Bergson desenvolve o conceito de *durée* (Duração), em suma, pela intuição se tem consciência do “eu que dura”.

nossa origem, história e tempo, nossa interioridade. Em função disso, a afirmação do eu sou, torna-se clara e verdadeira, uma vez que é alcançada pela intuição suprassensível.

É oportuno notar que o alcance da intuição consiste num esforço ao nível da consciência, isto é, ela implica em transcender os hábitos naturais da inteligência. Com Bergson entendemos que “tal é a intuição que temos do espírito quando afastamos o véu que se interpõe entre nossa consciência e nós mesmos” (BERGSON, 2005, p. 295-296). A dimensão da intuição, ganha aqui um caráter desvelador: “afastar o véu” soa como o movimento de deixar vir, ou seja, aponta para o significado de *Aleteia*, onde a verdade aparece em sua nudez. Trata-se de uma condição transcendental. Cabe, porém, esclarecer que o transcender aqui não significa o desligamento da vida em sua imanência. Bem, ao contrário, consiste em uma maior inserção e percepção nela em sua fluidez.

A intuição se define, em termos bergsonianos, numa atitude espiritual que ultrapassa nossa condição natural, para voltar-se ao que tem de mais espiritual na realidade. Fazendo referência a afirmação de Bergson de que a intuição é o que atinge o espírito, Rossetti acrescenta: “[...] a intuição segue a direção do espírito e é o método próprio da metafísica do espírito, porque somente ela, e não a inteligência, pode chegar à essência movente da totalidade da realidade” (ROSSETTI, 2004, p. 35). Em última instância, trata-se de uma atitude espiritual, pois o esforço da consciência permite um conhecimento do espírito consigo mesmo.

Assim, se observa que a teoria bergsoniana consiste em erigir um novo método para a filosofia, isto é, uma nova metafísica capaz de abordar questões mais significativas decorrentes da existência: a vitalidade e seu brotar, sua fluidez, o movimento impregnado ao ser. Dito de outro modo, a intuição tem uma íntima relação com a vida, no que se reporta à compreensão humana o que lhe é mais significativo, visto que entre o real a ser conhecido se destaca o que confere vitalidade aos seres existentes, ou seja, o princípio causal do existir, o (*élan vital*). Sendo assim, aos olhos de Bergson, a intuição é o método ideal que possibilita o conhecimento real e consistente das coisas em si, pois com ela se pode adentrar ao ser e conhecê-lo em sua inteireza. Martins acrescenta:

O método de Bergson é, pois, a intuição, visão, desde o interior, da realidade. Atinge-se assim o ser na sua realidade íntima, e não na sua realidade útil, e nisso consiste a verdadeira metafísica, segundo ele; em conhecer as coisas como elas são em si, como são e não simplesmente que são [...] só assim se atingirá o real, só assim cingirá o conhecimento a realidade como é em si, perpétuo fazer-se, perpétuo mudamento, criação contínua de novidade (MARTINS, 1946, p. 48).

A intuição como método, tem, portanto, uma tarefa árdua que consiste em levar a perceber o que a inteligência deixa despercebido. Ela se insere minuciosamente, no fluxo da vitalidade, simpatizando com o eterno movimento que ali se deflagra. Eis o teor do procedimento intuitivo: abordar os verdadeiros problemas metafísicos, que implica no entendimento íntegro do real, na transparência de sua essencialidade. Para tal, não se limita apenas em dizer o que a coisa é, mas como ela é, seja em aspectos condizentes ao nosso estado de alma, nossa duração, ou referente à totalidade do movimento evolutivo da vida. Com Deleuze podemos compreender que:

A intuição é, sobretudo, o movimento pelo qual saímos de nossa própria duração, o movimento pelo qual nós nos servimos de nossa duração para afirmar e reconhecer imediatamente a existência de outras durações acima ou abaixo de nós (DELEUZE, 1999, p. 23).

O método intuitivo não utiliza de evanescentes aspectos da imobilidade captado pela inteligência, ao contrário, ultrapassa a análise externa e, adentra no interior do próprio ser a fim de conhecer o fundamento essencial do existir.

Tornando presente as críticas de Bergson aos sistemas filosóficos, vemos que sua teoria da intuição, também se contrapõe à ideia kantiana da inatingibilidade da intuição supra-sensível, “Bergson foi como uma luz de esperança, mostrando que a metafísica é possível” (CARDOSO, 1993, p. 287). Percebendo que o solo seguro do conhecimento postulado por Kant apresentava certas fissuras, Bergson questiona o ceticismo do filósofo alemão. Assim compreendia que, com a intuição, era possível acessar a verdadeira metafísica. Sua metafísica em muito se diferencia da tradicional, enquanto que essa, para pensar o fundamento do ser, se desliga da concretude da existência. Já aquela, por outra parte, cada vez mais se afunda no solo da imanência. Explicita-nos ele:

Mas suponham que, ao invés de querermos nos elevar acima de nossa percepção das coisas, nela nos afundássemos para cavá-la e alargá-la. Suponhamos que nela inseríssemos nossa vontade e que essa vontade, dilatando-se, dilatasse nossa visão das coisas. Obteríamos desta vez uma filosofia na qual não se sacrificaria nada dos dados dos sentidos e da consciência: nenhuma qualidade, nenhum aspecto do real se substituiria ao resto sobre o pretexto de explicá-lo (BERGSON, 2006, p. 154).

Dessa forma, vemos o quanto Bergson fez crer que a verdadeira metafísica se torna possível em função da própria intuição. O equívoco da tradição talvez tenha sido este: negligenciar a intuição como via de acesso à essência da vida. Ao contrário, a

metafísica tradicional desconfigurou o real ao olhá-lo por uma lente intelectual, e, além disso, por ter estabelecido a visão obtida pela inteligência como sustentáculo à realidade.

4.

Em síntese, o procedimento metodológico do saber antigo seguiu a tendência natural da inteligência de se ater sobre a matéria e o estático, para reter, enfim, o pragmatismo da realidade da qual se o culpa. Não é de se estranhar, portanto, que seus efeitos floresçam nas ciências particulares do período moderno. Compreende-se, dessa forma, que a linguagem das ciências naturais, tais como também a das humanas, principalmente da psicologia, se inclinavam para falar a mesma linguagem intelectual da metafísica tradicional. Era esta que dera a devida autoridade a tais ciências para postular, por meio da análise, as verdades objetivas, ou seja, a ciência moderna segue os parâmetros da tradição filosófica procedendo via o método denominado por Bergson como cinematográfico.

A ciência moderna, como a ciência antiga, procede segundo o método cinematográfico. Não pode fazer de outro modo; toda ciência está sujeita a essa lei. É da essência da ciência, com efeito, manipular *signos* pelos quais substitui os objetos eles próprios (BERGSON, 2005, p. 355).

A linguagem preconizada pelo pensamento tradicional é, pois, exercida efetivamente nas ciências modernas. Elas cada vez mais se arraigaram num pragmatismo, causado por uma ótica que não é capaz de ir além dos pontos fixos que ali se apresentam e nem perceber a realidade que sustentam esses pontos, ligando uns aos outros. De outro modo, observa Bergson, o conhecimento moderno não escapou da exigência prática do método puramente intelectual que consiste em manipular apenas as evidências sensíveis e estacionárias da realidade. O que está em questão e, para qual voltamos nossa atenção, é a crítica que Bergson levanta à concepção moderna científica de reproduzir as verdades sistematizadas pela metafísica tradicional. Em sua crítica, o filósofo francês afirma que há um fio que liga Platão ao projeto mecanicista moderno que tende, ainda, a se alastrar por toda área do conhecimento. Como consequência, temos a crença absoluta em um mundo das verdades aparentes. O real, por sua vez, é esquecido, ou mesmo sequer percebido.

Cabe ressaltar que Bergson compreende que a essência da ciência consiste em orientar-se rumo ao puramente empírico. A ciência age a matéria conformando-se com ela, pois tende apenas a seguir o que a faculdade intelectual lhe impõe. Olhando pelo enfoque científico, o que poderíamos esperar de tal metodologia se não sua postura menos abrangente da realidade, ou seja, ela não vê e nem busca se esforçar para ver o fundo do *iceberg*, pois se contenta apenas em descrever a ponta que aparece à superfície. A ciência tornou-se um conjunto de arranjo simbólico fundado pela metafísica. Seu método é analítico. Sua visão torna-se meramente superficial. Fazendo referência às relações do simbolismo da metafísica com a ciência Bergson expõe:

De modo que se nos ativéssemos à letra daquilo que dizem os metafísicos e cientistas, como também à materialidade daquilo que fazem, poderíamos crer que os primeiros escavam por sob a realidade um túnel profundo, e que os outros lançam por cima dela uma ponte elegante, mas que o rio movente das coisas passa entre essas duas obras de arte sem as tocar (BERGSON, 2006, p. 227-228).

Ao empregar tal analogia Bergson torna compreensível acerca da funcionalidade da metafísica e de sua incursão à ciência via conceitos generalizantes, que ainda existe um abismo entre as verdades essenciais e o procedimento científico; procedimento este absolutamente limitado, pois se situa longe, bem longe de tocar a realidade no que ela tem de em si de mais profundo.

Olhar e compreender a realidade profunda a qual sustenta a superfície do aparente requer um enorme esforço de consciência, isto é, transcender o campo da ação objetiva e associativa. A ciência, no entanto, não busca realizar esse mergulho nas profundezas onde se encontra o real, pois não é de sua competência. Ela tem como objetivo uma ação interessada face ao espaço e, num tempo estanque, saltando, pois, de um ponto ao outro. Em suma, termina por ignorar o real⁴. O problema emerge quando ela toma a parte pelo todo, isto é, generaliza as características da parte isolada, afirmando como se fosse verdade absoluta. Ora, para Bergson, a ciência moderna, caracteriza-se com forte teor

⁴ “Isto acontece basicamente porque a ciência atua sobre sistemas materiais recortados junto ao devir concreto e a matéria presta-se a ser tomada de maneira isolada pela inteligência, que se constitui em associação íntima a ela, introjetando suas características e construindo uma forma de conhecer a ela adequada”. PINTO, Tarcísio Jorge Santos. **A crítica bergsoniana ao método filosófico tradicional – repercussões epistemológicas, éticas e educacionais**. Revista POIÉISIS, Tubarão, Número ESPECIAL: Biopolítica, Educação e Filosofia p. 41.

matemático: ela simplesmente deixa de abordar questões essenciais que não se enquadram no âmbito da exatidão. É o que ocorre com os elementos que compõem o real: movimento, tempo, duração. “O que equivale a dizer” – Diz Bergson (2005, p. 363) – “que o tempo real, considerado como um fluxo ou, em outros termos, como a própria mobilidade do ser, está aqui fora do alcance do conhecimento científico”.

Torna-se claro que, conforme a opinião de Bergson, a ciência não está preparada para abordar questões essenciais pertinentes à ontologia, mas o erro delas está em persistirem em tais questões, empregando uma linguagem imprópria que lhe leve a afirmar a natureza do tripé otológico: movimento, tempo e duração. Dessa forma, aquela natureza se desconfigura completamente do ponto de vista de seu sentido real.

Ressaltamos, portanto, que o conhecimento científico é um saber instrumentalizado para as coisas práticas tendo, com finalidade exclusiva, relacionar uma matéria à outra. Trata-se, na verdade, de um trabalho de associação lógica, o que de certa forma lhe impede de avançar para o real.

5.

A riqueza do projeto de Bergson se centra, pois, na possibilidade da experiência com o real. Sua teoria se sustenta a tese de um tempo que é, em si, movimento e duração constante. Tempo este que é negligenciado pela inteligência, mas acessível pela intuição. A espiritualidade é a áurea que envolve todo o pensamento de Henri Bergson. A mais forte razão disso é que ele propõe o método intuitivo para a filosofia, uma vez que, para ela, se alcança o real. Segundo ele, a filosofia que não intui termina por ignorar a vida em seu fluir e ocupando-se do inerte, perde sua essência e finalidade última, pois filosofar é intuir. Escreve: “[...] filosofar consiste em se colocar no próprio objeto por um esforço de intuição” (BERGSON, 2006, p. 207). Trata-se de se sintonizar no mesmo curso da vida e não se desviar dela.

A grandeza do bergsonismo é, justamente, conduzir as reflexões filosóficas para o que é mais vivo e real. Não basta se firmar no terreno positivista e ignorar algo que aos olhos da ciência é irrelevante. É preciso, no entanto, ter a simplicidade de espírito para se desvencilhar dos paradigmas que se afirmam como verdade absoluta. De maneira sutil

Bergson aponta as imprecisões dos problemas filosóficos apresentando-nos uma nova forma de pensar. Nisso é que consiste todo seu mérito.

Afinal, reviver Bergson, em nossos dias, é uma forma de reavivar a filosofia, para além de todo cientificismo dogmático, que só toma como válido aquilo que convir ao aparato da objetividade empírica. Talvez seja hora de novamente propor uma filosofia solidária com a ciência, que vá além das perspectivas intelectivas para encontrar na essência da imanência o fundamento do acontecer real.

Referências bibliográficas

BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Tradução de João S. Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARTINS, Diamantino. *Bergson: a intuição como método na metafísica*. Porto, Livraria Tavares Martins, 1946.

CARDOSO, Ricardo. *O conceito de metafísica no pensamento de Henri Bergson*. Braga, Universidade Católica Portuguesa, 1993.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Tradução. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.

PINTO, Tarcísio J. Santos. “A crítica bergsoniana ao método filosófico tradicional: repercussões epistemológicas, éticas e educacionais”. In. *Revista Poiésis*, USC: Biopolítica, Educação e Filosofia, p. 39-52.

ROSSETTI, Regina. *Movimento e totalidade em Bergson: a essência imanente da realidade movente*. São Paulo: Edusp, 2004. (Ensaio da Cultura; 25).